

O DOM DE LÍNGUAS E A MISSÃO: IMPLICAÇÕES PARA A IGREJA ADVENTISTA

Wagner Kuhn

Resumo

Os dons que o Espírito Santo concede aos membros da igreja estão ligados precisamente com o cumprimento da ordem dada por Cristo de “ir, fazer discípulos, batizar, e ensinar” descrita na grande comissão evangélica de Mt 28,18-20. De maneira similar, a ordem de Jesus de “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura”, descrita por Mc 16,15-18, liga a tarefa de pregar o evangelho com o falar em línguas (glossolalia) - sinal que acompanharia o crente-discípulo-missionário ao obedecer tal ordem.

Devido às poucas referências bíblicas ao dom de falar em línguas¹ e, ao mesmo tempo, à advertência de Paulo para se fazer tudo com o objetivo de edificação dos membros do corpo de Cristo (a igreja), em ordem e com compreensão, nota-se que o dom de línguas, para alguns, tornou-se quase que desnecessário ou mesmo insignificante. Assim, a tarefa de pregar o evangelho, pelo menos no contexto da missão adventista, é vista como devendo ser cumprida sem a necessidade de se receber e praticar o dom de línguas. Já, para milhões de cristãos, não existe missão sem o recebimento do Espírito Santo, o qual é evidenciado pelo dom de falar em línguas. E neste contexto, não seria importante que façamos uma reavaliação da reação negativa que alguns demonstram em relação ao movimento carismático, especialmente em face de a missão adventista ser abarcante e incluir a todos?

Palabras-chave

Dom de línguas – Missão – Espírito Santo.

Abstract

The gifts that the Holy Spirit grants to church members are directly linked to the fulfillment of the order given by Christ to “go, make disciples, baptize and teach” as described in the great gospel commission of Matthew 28,18-20. In a similar manner, Jesus’s order to “go through all the world, and preach the gospel to every creature,” described in Mark 16,15-18, links the task of preaching the gospel with speaking in tongues (glossolalia) as a sign that would accompany the believer-disciple-missionary as he/she obeyed such an order.

Due to the few biblical references pointing to the gift of speaking in tongues² and, at the same time, to Paul’s warning to do everything with the aim of edifying the members of Christ’s body (the Church), in an orderly manner and with understanding, it is apparent that to some, the gift of languages has become almost unnecessary or even insignificant. Therefore, the task of preaching the gospel, at least in the Adventist mission context, is seen as having to be fulfilled without the need of receiving nor practicing the gift of tongues. Yet, to millions of Christians, there is no mission without the reception of the

¹ Ver Mc 16,15-18; At 2,1-13; 10,44-48; 19,1-7; 1Co 12,10.30; e 1 Co 14,1-33.

Holy Spirit, as evidenced by the gift of speaking in tongues. Now, in this context, would it not be important to re-evaluate the negative reaction that some show in relation to the Charismatic movement, especially in light of the Adventist mission to embrace and include everyone?

Keywords

Gift of tongues – Mission – Holy Spirit.

Introdução

Encontrei João² num dos países da Ásia Central. Ele e sua esposa também eram missionários brasileiros, assim como minha família, naquela região. Evangélicos, de herança batista e presbiteriana, eles tinham passado por uma experiência carismática muito importante em sua vida. Haviam sido batizados com o Espírito Santo, recebendo também o dom de línguas. Tivemos muitas oportunidades de conversar bastante sobre o assunto e, inclusive, de estudar referências bíblicas sobre o dom de línguas, inclusive 1 Coríntios 14. João me afirmou que ele e sua esposa falavam em línguas.

Existe muita discussão, debate e controvérsia sobre o assunto do dom de línguas. Com o surgimento do movimento carismático moderno, há mais de 100 anos, o dom de línguas, fator importante deste movimento, tem sido foco de atenção, debate, estudo e pesquisa de muitos eruditos, bem como de inúmeros interessados no tema. De um lado, existem os que advogam que o dom de línguas como descrito no Novo Testamento cessou de ser praticado com a igreja apostólica. Do outro lado, estão os que promovem o falar em línguas (glossolalia) como um dom e evidência do Espírito Santo na vida e missão da igreja contemporânea.

Neste artigo, tentarei abordar o assunto do dom de línguas em relação à missão da igreja e, mais especificamente, da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A princípio, buscarei dar um panorama geral do estudo da glossolalia no contexto do Movimento Pentecostal Carismático moderno e contemporâneo e, a seguir, em relação à reação ou posição da igreja adventista quanto à glossolalia, assim como as implicações do falar em línguas no contexto da missão da igreja adventista. Neste contexto, será que como adventistas deveríamos fazer uma reavaliação da nossa reação ao Movimento Pentecostal Carismático? Será que pelo preconceito que temos dos carismáticos, principalmente em relação ao dom de línguas e ao estilo de liturgia, torna-se

² Pseudônimo.

difícil elaborarmos métodos missionários e evangelísticos com o objetivo de alcançá-los? Será que consciente ou inconscientemente, temos rejeitado o dom de línguas e, por conseguinte, rejeitado os carismáticos? Estes temas e perguntas merecem nossa atenção ou, pelo menos, nossa consciência missionária e teológica, pois central à missão de Cristo está o amor pelas pessoas bem como sua salvação, a edificação da igreja, a pregação do evangelho, revelar a Deus e lhe render glória, bem como obedecer-lhe fazendo Sua vontade.

Breve panorama geral do estudo da glossolalia

O assunto do dom de línguas no contexto moderno e contemporâneo está intrinsecamente conectado com o Movimento Pentecostal Carismático moderno.³ Cerca de 30 anos atrás, Watson E. Mills publicou vários livros sobre o tema da glossolalia. Os seguintes são destacados, pois ainda continuam sendo usados como referências neste assunto: *Speaking in Tongues: A Guide to Research on Glossolalia* (1986); *Glossolalia: A Bibliography* (1985)⁴; *A Theological/Exegetical Approach to Glossolalia* (1985); e *Charismatic Religion in Modern Research: A Bibliography* (1985). No seu livro, *Speaking in Tongues* (1986:12), Mills pondera que depois que o assunto do fenômeno da glossolalia deixou de ser abordado como exclusivamente polêmico, muitos estudos foram feitos a partir do interesse de várias disciplinas.⁵ Ele próprio divide este assunto em cinco partes principais no livro citado: estudos exegeticos, estudo históricos, estudos teológicos, estudos psicológicos e estudos socioculturais. Essa obra ainda é uma referência essencial para o pesquisador da glossolalia.

³ O nascimento do movimento pentecostal moderno aconteceu em Los Angeles (1906), com o famoso reavivamento na rua Azusa (ver Mills 1986:6). A estimativa é de cerca de 200 milhões de adeptos nos movimentos carismáticos, cerca de 200 a 300 milhões de neo-carismáticos e 75 a 125 milhões de pentecostais clássicos (Karkkainen 2009:xvì). É difícil de se classificar as centenas e centenas de denominações pentecostais ou grupos carismáticos, mas o *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements (Novo Dicionário Internacional dos Movimentos Pentecostais e Carismáticos)* faz a seguinte classificação: 1) denominações pentecostais (clássicas) tais como a Igreja Assembléia de Deus ou a Igreja do Evangelho Quadrangular; 2) movimentos espirituais do tipo pentecostal que ocorrem dentro de igrejas estabelecidas (o maior é o Movimento da Renovação Carismática da Igreja Católica Romana); e 3) os movimentos neo-carismáticos, tais como as igrejas de Iniciação Africanas, o movimento de Igrejas-casas na China (ver Burges e Maas 2002:473-520; Karkkainen 2009:xv-xvi; Gonçalves 1978:18-21 e Gromacki 1967:25-26).

⁴ Esta obra continua sendo importante, pois apresenta 1158 referências bibliográficas sobre o assunto da glossolalia.

⁵ Entre muitas, destacam-se: Teologia, História das religiões, Linguística, Psicologia, Ciências do comportamento e Sociologia.

Praticamente até 1960, a maioria do que foi escrito com respeito ao fenômeno da glossolalia tinha uma tendência bastante preconceituosa. As descrições feitas sobre o falar em línguas, ou tentam aprovar a experiência glossolálica como essencial e genuína, ou a descartam como sendo desnecessária, sem sentido, confusa e, quem sabe, até mesmo psicótica.⁶ Mas a partir dos anos 60 e 70, com a publicação de inúmeros estudos oriundos de diversas disciplinas, a polarização que existia como resultado de opiniões opostas começou a dar lugar ao diálogo e a pesquisa. Estes não somente ocorreram entre teólogos e líderes religiosos de diferentes denominações, mas no campo multidisciplinar, onde pesquisadores de várias áreas e de diferentes países se empenharam cada vez mais na tarefa de explicar e desvendar o fenômeno glossolálico.

O interesse na glossolalia aumentou muito com a publicação de vários estudos no campo da psicologia, psiquiatria, linguística, antropologia, estudos socioculturais e jornalismo, além de estudos teológicos, obviamente.⁷ Em seu livro, *Speaking in Tongues: A Cross-Cultural Study of Glossolalia* (Falando em Línguas: Um estudo Transcultural da Glossolalia - 1972), Felicitas D. Goodman, antropóloga, comenta que falar em línguas é um comportamento extraordinário associado a um estado alterado da consciência (xxi), o qual pode estar padronizado pelo contexto cultural e assim ser benéfico à sociedade (Mills 1985:14). William J. Samarin, linguista, em *Tongues of Men and Angels* (Línguas dos Homens e Anjos - 1972), conclui que pronunciações glossolálicas não são anormais nem patológicas, nem mesmo expressões de um estado alterado da consciência.⁸

⁶ Veli-Matti Karkkainen, ed. *The Spirit in the World: Emerging Pentecostal Theologies in Global Contexts* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2009), viii-xxiv; Gerhard F. Hasel, *Speaking in Tongues: Biblical Speaking in Tongues and Contemporary Glossolalia* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications 1991), 11-16; Michael P. Hamilton, ed. *The Charismatic Movement* (Grand Rapids, MI: Eerdmans 1975), 7-11; Watson E. Mills, ed. *Speaking in Tongues: A Guide to Research on Glossolalia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans 1973; 1986), 15-25; 13-14; Robert G. Gromacki, *The Modern Tongues Movement* (Philadelphia, Pennsylvania: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1967), 2-3.

⁷ Felicitas D. Goodman, *Speaking in Tongues: A Cross-Cultural Study of Glossolalia*. (Chicago: The University of Chicago Press 1972), xv-xxii; William K. Kay, "The Mind, Behavior and Glossolalia: A psychological Perspective", en *Speaking in Tongues: Multi-Disciplinary Perspectives*, ed. Mark J. Cartledge (Waynesboro, GA: Paternoster Press 2006), 174-205; Watson E. Mills, *Glossolalia: A Bibliography* (New York: The Edwin Mellen Press 1985), 1-22; e Mark J. Cartledge, ed. *Speaking in Tongues: Multi-Disciplinary Perspectives* (Waynesboro, GA: Paternoster Press, 2006), xix-xxiv.

⁸ Ver Mills (Glossolalia: A Bibliography 1985), 15.

No campo onde a linguagem é usada como fator de relacionamento do indivíduo com o grupo e com Deus, Phillips conclui que a glossolalia faz com que a pessoa transcenda para a comunidade através de experienciar e produzir um relacionamento comunitário com o divino. Nesse contexto de relacionamento comunitário, a igreja pentecostal provê uma experiência efervescente através de experiências glossolálicas coletivas. Nota-se que somente quando o adorador se submete é que ele recebe o dom de línguas e, ao mesmo tempo, o relacionamento de Deus, o que é testemunhado pela comunidade. Sendo assim, o ato de falar em línguas permite que um indivíduo tenha o seu lugar na comunidade. Surpreendentemente, Phillips declara que a glossolalia, considerada um ato em si mesma, é língua sem conteúdo. No entanto, no contexto da comunidade pentecostal, a língua se torna o ato que une o indivíduo ao grupo (2008:66-67).

Heather Kavan sugere dois tipos de glossolalia: glossolalia espontânea e glossolalia dependente do contexto. Esta última parece ocorrer com certa frequência em grupos mais radicais, experienciais e liderados por líderes carismáticos. Contra argumentando com Goodman, Kavan conclui que a maioria dos pentecostais e carismáticos não experimentaram estado alterado de consciência, exceto durante o batismo do Espírito Santo (2004:171).

Destaca-se ainda no campo das ciências sociais, a obra de H. Newton Malony e A. Adams Lovekin, *Glossolalia: Behavioural Science Perspectives on Speaking in Tongues* (Glossolalia: Perspectivas da Ciência do Comportamento sobre o Falar em Línguas - 1985). Esse livro é considerado por muitos como o mais abarcante e importante na disciplina. Estudos nesta área se beneficiariam muito com o tipo de classificação do fenômeno da glossolalia que ele fez, além de fontes bibliográficas muito bem documentadas.⁹

Mais recentemente, Mark J. Cartledge publica um excelente estudo que, de alguma maneira, se compara à obra de Mills (1986), complementa-a e fornece novas perspectivas ao assunto e uma vasta e bem mais atualizada bibliografia. No livro, *Speaking in Tongues: Multi-Disciplinary Perspectives* (Falando em Línguas: Perspectivas Multidisciplinares - 2006), Cartledge tenta estruturar o estudo dando prioridade à disciplina da teologia. Isso se deve ao fato de que este é publicado como parte de uma série de monografias teológicas, mas, ao mesmo tempo, porque a glossolalia contemporânea está associada à igreja cristã

⁹ Cartledge (2006), xx.

evangélica e, neste contexto, a pesquisa e o estudo fruem por aí encontrarem sua motivação (xxiii).

Ainda como referências atuais em suas respectivas e distintas disciplinas, cito outras quatro obras recentemente publicadas. Os autores representam vários contextos socio-religioso-cultural, o que concede uma visão mais abrangente por estes representarem perspectivas diferentes e variadas.

A primeira, de Amos Yong, é intitulada, *In the Days of Caesar: Pentecostalism and Political Theology* (Nos Dias de Cezar: Pentecostalismo e Teologia Política - 2010). O autor procura corrigir estereótipos teológicos e políticos do pentecostalismo. Ao fazer isso, quer que outros teólogos pentecostais façam o mesmo, mas dentro de suas próprias reflexões e convicções pessoais, com o propósito de que este exercício venha edificar e iluminar potencialmente crenças e práticas cristãs. Yong usa um método multidisciplinar interconectando o pentecostalismo, a política e a teologia cristã. Assim sendo, a obra tem como público alvos pentecostais que não estão acostumados a pensar politicamente ou em termos de teologia política, os teólogos políticos que possivelmente não conhecem muito sobre o pentecostalismo e os cristãos em geral que gostariam de saber como o pentecostalismo e a teologia política podem influenciar ou moldar o testemunho dos cristãos na vida pública.¹⁰

A segunda, organizada por Veli-Matti Karkkainen, *The Spirit in the World: Emerging Pentecostal Theologies in Global Contexts* (O Espírito no Mundo: Teologias Pentecostais Emergentes em Contextos Globais - 2009) elabora construções teológicas para explicar a função do Espírito Santo a partir de uma ótica de contextos culturais e religiosos bem diversificados. Mais de uma dúzia de eruditos pentecostais de quatro continentes colaboraram na publicação deste livro, o qual é dividido tematicamente em três seções principais: 1) O Espírito entre o Povo: Teologia Pentecostal e Poder Espiritual, 2) O Espírito entre a Cultura: Teologia Pentecostal e Diversidade Cultural, e 3) O Espírito entre as Religiões: Teologia Pentecostal e Pluralidade Religiosa. Na maior parte, esta obra se concentra em questões teológicas. Mas outro volume seguirá intitulado *Spirit and Power: The Global Impact of Pentecostalism*. Ele tratará da extensão e razões do crescimento do pentecostalismo no mundo inteiro.¹¹

¹⁰ Amos Yong, *In the Days of Caesar: Pentecostalism and Political Theology* (Grand Rapids, MI: Eerdmans 2010), xix-xx.

¹¹ Karkkainen (2009: xviii-xxiv)

A terceira, de Elim Hiu, intitulada *Regulations Concerning Tongues and Prophecy in 1 Corinthians 14:26-40: Relevance Beyond the Corinthian Church* (Regulamentos Concernentes a Línguas e Profecias em 1Coríntios 14,26-40: Relevância além da Igreja de Coríntios - 2010), é um exemplo de inúmeros estudos publicados mais especificamente na área teológica (NT). O autor tenta argumentar no sentido de que falar em línguas é algo legítimo, mas que deve ser feito dentro dos regulamentos estabelecidos pelo apóstolo Paulo. Mostra razões para a validação da prática glossolálica, desde que esta seja praticada com decência, ordem e paz, tendo como objetivo geral a edificação dos membros da igreja. Desde que os regulamentos do Novo Testamento sejam seguidos, o falar em línguas seria um dom tanto para a igreja primitiva como para a igreja cristã contemporânea.¹²

A última obra é *Magia, Prosperidade e Messianismo: Práticas, Representações e Leituras no Neopentecostalismo Brasileiro* (2009), de Wander de Lara Proença. Sendo um historiador, o autor pesquisa sobre história social e os movimentos religiosos contemporâneos. A partir deste contexto, o livro apresenta um panorama histórico da trajetória e impactos do pentecostalismo brasileiro. Proença mostra que a magia dos símbolos e dos ritos presente no culto e no cotidiano do crente se torna um meio eficiente de se estabelecer contatos diretos e imediatos com o sagrado. A teologia da prosperidade também é abordada como uma das ênfases do movimento pentecostal. Esta é necessária, pois as “bênçãos” devem ser recebidas já no presente. O dom de línguas se torna, em parte, evidência da presença divina (Espírito Santo) e da prosperidade que é garantida ao crente, mesmo que esta tenha que ser obtida através de uma “batalha espiritual” contra o maligno e demônios responsáveis por causar miséria e sofrimento.¹³

Sem dúvida, o estudo sobre o fenômeno da glossolalia tem envolvido um grande número de pesquisadores, produzindo inúmeras pesquisas¹⁴ e alguns milhares de artigos e livros sobre o assunto a partir de diversas disciplinas e

¹² Elim Hiu, *Regulations Concerning Tongues and Prophecy in 1 Corinthians 14:26-40: Relevance Beyond the Corinthian Church* (London and New York: T & T Clark International 2010), 197-198.

¹³ Wander de Lara Proença, *Magia, Prosperidade e Messianismo: Práticas, Representações e Leituras no Neopentecostalismo Brasileiro* (Curitiba: Instituto Memória, 2009), 22-23.

¹⁴ Pesquisa da Fundação Pew, *Spirit and Power: A 10-Country Survey of Pentecostals*, aponta para a realidade que 8 em cada 10 protestantes no Brasil consideram-se Pentecostais ou carismáticos, e que 50% dos entrevistados Católicos também no Brasil podem ser classificados como carismáticos (Espírito e Poder: Uma Pesquisa sobre os Pentecostais em 10 Países). Out. 2006. Disponível em: <http://pewforum.org/Christian/Evangelical-Protestant-Churches/Spirit-and-Power.aspx>. Acesso em: 27 Fev. 2011.

contextos. Escritores adventistas (apesar de limitados no seu envolvimento neste assunto) também tentam elucidar este tema, apresentando certas conclusões a partir da compreensão bíblica e, obviamente, dentro do contexto adventista.

Reação adventista ao dom de línguas (glossolalia)

A igreja adventista nunca foi muito favorável à prática do “falar em línguas”, a glossolalia, mas sempre observou este assim chamado “dom do Espírito” com muita cautela. De certa maneira, ao longo dos anos, tem caracterizado o dom de falar em línguas como falso - sendo este um subproduto do Movimento Pentecostal Carismático em geral.

É interessante notar que, no contexto do eixo da América do Norte e Europa principalmente, os escritores adventistas começaram a estudar e publicar sobre esse assunto mais ou menos a partir da década de 1960.¹⁵ Na década de 1970 houve um aumento significativo, quando pelo menos 50 artigos foram publicados nos periódicos adventistas. De especial significado está uma série de artigos de Arthur L. White, intitulada “Charismatic Experiences in Early Seventh-Day Adventist History” (Experiências Carismáticas no Começo da História Adventista do Sétimo Dia - 1973). A primeira série de artigos foi intitulada “The Ralph Mackin Story”¹⁶ e foi publicada em 1972. A segunda parte foi publicada em março e abril de 1973, com o título: “Ecstatic Experiences in Early SDA History.”¹⁷ A última parte saiu em agosto de 1973, intitulada: “Two Outstanding Revival Experiences”.¹⁸ Uma retração significativa acontece nos anos 80, sem explicação, onde pouco acontece ou é publicado sobre o dom de línguas nos periódicos adventistas em inglês. Entre 1991 e 2011 são publicadas cerca de duas dúzias de artigos

¹⁵ Dwight A. Delafield, “Ellen G. White and the ‘Tongues’ Preacher Adventist”, *Review and Sabbath Herald* 142, nº18 (Fevereiro 1965): 4-5; e Raymond F. Cottrell, “Speaking in Tongues”, *Adventist Review and Sabbath Herald*, 140, nº25 (Abril 1963): 12.

¹⁶ Arthur L. White, “The Ralph Mackin Story”: a) “The Ralph Mackin Story” (10 ago.), b) “The Word - Not Feeling” (17 ago.), e c) “Calculated to Lead Astray” (24 ago.), *Review and Herald*, 1972.

¹⁷ _____ White, “Ecstatic Experiences in Early SDA History”: a) “Tongues in Early SDA History” (15 mar.), b) “Bible Study Versus Ecstatic Experiences” (22 mar.), c) “Face to Face with the Spurious” (29 mar.), d) “The Gift of Tongues at Portland, Maine” (5 abr.), e) “Miraculous Healing” (12 abr.), f) “Ellen G. White and the Baptism of the Holy Spirit” (19 abr.), e g) “God-given Criteria” (26 abr.), *Review and Herald*, 1973.

¹⁸ _____ White, “Two Outstanding Revival Experiences”: a) “Revivals - The Time When God and Satan Work” (2 ago.), e b) “Revival in Battle Creek” (9 ago.), *Review and Herald*, 1973.

nestes mesmos periódicos, sendo mais ou menos uma dúzia em cada uma dessas décadas.

Alguns livros também foram publicados na década de 70: *Tongues are for Real* (Línguas são Reais - 1973), de Donald Mackintosh e *Rattling the Gates* (Sacudindo os Portões - 1974), de Roland R. Hegstad, além de um relatório especial de 50 páginas¹⁹ feito a partir de uma reunião realizada na Geórgia (January 4-9, 1973). Na década de 80, William E. Richardson escreve sua dissertação doutoral intitulada “Liturgical Order and Glossolalia: 1 Coríntios 14,26c-33a and its implications” (Ordem Litúrgica e Glossolalia: 1 Coríntios 14,26c-33a e suas implicações - 1983). Richardson é um dos primeiros estudiosos adventistas a tentar interpretar o falar em línguas (glossolalia) de 1 Coríntios 14 como podendo ser línguas ininteligíveis, ou seja, enunciados extáticos (sem significados).²⁰

No início da década de 1990, Gerhard Hasel publicou seu estudo sobre o assunto: *Speaking in Tongues: Biblical Speaking in Tongues and Contemporary Glossolalia* (Falando em Línguas: O Falar em Línguas Bíblico e a Glossolalia Contemporânea - 1991). Nele, Hasel argumenta, de maneira enfática, que as línguas de 1Co são línguas conhecidas, línguas faladas aqui neste mundo.²¹ Devido à reputação acadêmica de Hasel e sua influência sobre os líderes da igreja, seu estudo acabou determinando, em muito, a maneira de se interpretar o dom de falar em línguas (glossolalia) na igreja adventista em geral.

Para Hasel, o único texto bíblico que se pode usar para interpretar “falar em línguas” de maneira clara e sem nenhuma ambiguidade é At 2. Ele declara que se interpretarmos At 2 como está escrito, então as línguas são conhecidas, inteligíveis, faladas por aqueles que receberam o dom do Espírito Santo e compreendidas pelas pessoas que vieram de várias partes circunvizinhas a Jerusalém. O propósito do dom de falar em línguas dado aos discípulos era

¹⁹ Relatório disponível pelo Instituto Bíblico de Pesquisa da Associação Geral.

²⁰ Veja também William E. Richardson, *Speaking in tongues: Is it Still the Gift of the Spirit?* (1994, 71-94); e Larry Richards, “1 Corinthians” no *The Abundant Life Bible Amplifier* (1997: 235-236).

²¹ Herbert Kiesler comenta que “à luz de estudos linguísticos e contextuais de textos pertinentes do Novo Testamento, Hasel declara que é muito razoável concluir que o falar em línguas do Novo Testamento é o mesmo dom de falar miraculosamente línguas estrangeiras não aprendidas. Com esta conclusão Hasel se coloca em contraste à maioria dos exegetas de 1Coríntios 14, que consideram que o falar em línguas não era o falar de uma língua estrangeira, mas uma forma de som extático e ininteligível” (*AUSS* 32 (1994): 137).

para que estes pregassem o evangelho a todas as pessoas e nações, para que pudessem comunicar as boas novas ao mundo.²²

No Brasil, os artigos sobre o dom de línguas (glossolalia) foram publicados principalmente na *Revista Adventista* e começaram a aparecer mais repetidamente a partir da década de 1930. Desde aquela época até o presente, pelo menos 70 artigos foram impressos nas publicações adventistas no Brasil. Alguns artigos da série do Pr. Arthur L. White foram traduzidos e publicados na *Revista Adventista* em português em 1973 e 1974. Muitos escritores contribuíram com artigos, dentre eles, os professores E. Hasse e Pedro Apolinário e o Pr. Arnaldo B. Christianini.²³

É interessante notar que boa parte dos artigos publicados no Brasil foram em resposta ao que estava acontecendo na linha de frente do trabalho evangelístico e missionário feito pela igreja, da confusão e das muitas dúvidas causadas pelos que advogavam o falar em línguas estranhas como evidência do recebimento do Espírito Santo. Os problemas práticos e reais com os quais a igreja adventista se deparava ao pregar o evangelho, na sua missão, tinham que ter uma resposta por escrito para toda a igreja. Evidentemente que, quando inúmeros pentecostais carismáticos aceitavam a mensagem adventista, muitas dúvidas surgiam quanto às suas práticas religiosas anteriores, e isso justificava a necessidade de se esclarecer a verdade da Palavra de Deus através dos artigos publicados nos periódicos adventistas.

A razão principal de tantos artigos escritos nesta área se deve ao fato de a igreja, na sua missão de pregar o evangelho, ter que lidar com práticas como o falar línguas estranhas, e porque estas não se harmonizavam com o que a igreja entendia como revelado na Bíblia e nos testemunhos. Essa era a

²² Ver Hasel (1991:55, 63-64, 83). Ao mesmo tempo, notemos os seguintes comentários de Hebert Kiesler: “O Fenômeno do ‘falar em línguas’ de 1Coríntios 14, pode de fato ser uma modificação da ocorrência em Marcos e Atos. Que “ninguém o entende’ (v.2) não prova necessariamente que o problema está com o ouvinte, e não com quem fala, como Hasel sugere (126-129). Se, como Hasel contende, este dom foi derramado sobre os crentes com o propósito de habilitá-los a proclamar miraculosamente as Boas-Novas em línguas estrangeiras não aprendidas, então porque Paulo minimiza este dom em comparação com o dom de profecia? A observação de Hasel sobre o uso dos mesmos termos em ambos Atos e 1Coríntios não assegura a conclusão que a manifestação do dom de línguas em 1Coríntios 14 e Atos 2 é idêntica, porque o fenômeno de 1 Coríntios parece ser particularmente diferente daquilo no resto do Novo Testamento” (*AUSS* 32 (1994): 138).

²³ Pedro Apolinário, “Glossolalia ou Dom de Línguas - I” (mai. 1982); “Glossolalia ou Dom de Línguas - Conclusão” (jun. 1982); e “Dom de Línguas: Os Dons São Concedidos Para um Fim Proveitoso” (jul. 1994) *Revista Adventista*; Arnaldo B. Christianini, “O Engano das Línguas Estranhas”, (mai. 1964); “À Margem da Glossolalia” (jun. 1978), *Revista Adventista*; E. Hasse, “As Chamadas Línguas Estranhas”, *Revista Adventista* (out - dez 1952, jan. e mar. 1953).

necessidade da pesquisa, do estudo, e da publicação de vários artigos para ajudar a igreja na sua prática missionária e compreensão bíblica e teológica do assunto.

Interpretação adventista sobre o dom de línguas

Existe um consenso entre os escritores adventistas sobre a interpretação do fenômeno de falar em línguas como descrito no Novo Testamento, especialmente se nos referimos ao texto de Marcos e aos instantes onde pessoas receberam o dom de línguas em At 2, 10 e 19. Na comissão evangélica de Mt 28,18-20, repetida em Marcos, Jesus predisse que os crentes “falarão novas línguas” (16,17), e que isto seria um sinal para os descrentes (1 Co 14,22), para que ouvissem a mensagem do evangelho. Hasel entende que o dom de falar outras línguas que são conhecidas, inteligíveis e maternas (desta terra)²⁴ está diretamente ligado ao propósito de pregar o evangelho a todas as nações e gentes deste mundo. Por isso é dito que o dom de línguas é para os descrentes, com o propósito de estes serem atraídos à comunhão com os crentes, para que se desenvolvam na experiência cristã, edifiquem o corpo de Cristo (igreja) e se envolvam na obra missionária de evangelizar.²⁵

Mas quanto ao texto de 1 Co 14, parece haver várias possibilidades de interpretação, deixando lugar para variações nas interpretações mesmo entre eruditos e acadêmicos adventistas. Alguns propõem que o texto de 1 Co 14 deve ser interpretado à luz de At 2, concluindo que as línguas faladas são idiomas estrangeiros conhecidos, inteligíveis e existentes (línguas maternas). Outros pensam que devido à dificuldade do texto e do contexto, uma melhor interpretação (ou pelo menos igualmente plausível) para o fenômeno de 1 Co 14, seja de línguas ininteligíveis ou enunciados extáticos, ou que tenha sido um desvirtuamento do dom de línguas, e onde a função evangelizadora do dom de línguas tenha deixado de existir e, portanto, perdido seu papel central.²⁶

²⁴ Línguas estrangeiras que não haviam sido aprendidas anteriormente; línguas inteligíveis, idiomas compreensíveis.

²⁵ Hasel 1991:151-153; ver também Vanderlei Dorneles, *Cristãos em Busca do Êxtase: Para Compreender a Nova Liturgia e o Papel da Música na Adoração Contemporânea* (Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2003) 206-225.

²⁶ Ver a discussão que Hegstad (Roland R. Hegstad, *Rattling the Gates* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1964):53-77) faz do assunto tentando estabelecer um paralelo entre At 2 e 1Co 14. Ele mostra que existem 16 diferenças significativas nestes textos e conclui que devido a estas muitas variações e dissimilaridades, não podemos concluir que estes textos são paralelos ou se associam em similaridades, ou seja, não se pode concluir que 1Coríntios 14 é língua estrangeira como no caso de Atos 2.

Moura escreve que o dom de línguas “foi dado, não para alguém se auto-edificar, ou mostrar que recebeu o Espírito Santo, mas para a pregação do Evangelho” (2007:16). Ele expande essas ideias com as seguintes interpretações ao dom de línguas no Novo Testamento:²⁷

A manifestação do dom em Atos 2: “E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?” (8). Língua materna é aquela que aprendemos com nossa mãe, é a língua da nossa nação e não os sons sem sentido que se ouvem em diversas igrejas cristãs da atualidade. Sabemos que são línguas maternas, pois Lucas cita as línguas que foram faladas em At 2,9-11. Este dom é dado com um fim proveitoso (1 Co 12,7), por isso foi dado aos apóstolos para que pregassem o evangelho em línguas estrangeiras aos estrangeiros que estavam naquela ocasião em Jerusalém. White menciona que “o Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, repousou sobre a assembleia. Isto era um emblema do dom então outorgado aos discípulos, o qual os capacitava a falar, com fluência, línguas com as quais não tinham nunca tomado contato”.²⁸ Moura propõe que a língua materna (idioma compreensível) deve ser o padrão para toda manifestação genuína do dom de línguas.

A manifestação do dom em Atos 10. Línguas foram faladas pelos da casa de Cornélio (10,44.46) e, ao falarem, estavam “engrandecendo a Deus”. Se Pedro disse isso, é porque ele e aqueles que o acompanhavam entenderam o que foi falado. Se fossem línguas não maternas, como saberiam que estavam “engrandecendo a Deus”? Aqui também vemos como o dom de línguas está relacionado com a pregação do evangelho, pois sendo Cornélio um militar e sempre transferido de um lugar a outro, o falar em outras línguas (maternas) seria de muita utilidade na pregação do evangelho aonde ele e os de sua casa fossem.

A manifestação do dom em Atos 19,1-7 ocorreu com 12 irmãos da cidade de Éfeso. Novamente vemos a relação de línguas (maternas) com a pregação do evangelho. Assim, o falar em outras línguas seria de muita utilidade na pregação do evangelho àqueles que passassem pela cidade de Éfeso e entrassem em contato com os cristãos dessa localidade. White menciona que os cristãos de Éfeso “receberam o batismo do Espírito Santo o qual os capacitou a falar as línguas das outras nações e a profetizar. Assim, os

²⁷ Oseas Caldas Moura, “O Dom de Línguas”, *Revista Adventista*, set. 2007, 16.

²⁸ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 39.

apóstolos foram habilitados para trabalhar como missionários em Éfeso e em suas adjacências, bem como ir proclamar o evangelho na Ásia menor”.²⁹

A manifestação do dom em 1 Coríntios 14. Não sabemos ao certo como foi a manifestação de línguas na cidade de Corinto.³⁰ A Bíblia oferece elementos para pensarmos em, pelo menos, dois tipos de línguas: a) línguas maternas – só para ostentação, sem nenhuma interpretação, e isso não edificava a igreja (14,5.11.13); e b) línguas não maternas (ou extáticas), como acontece entre os pentecostais de hoje.³¹ Isso trazia confusão aos ouvintes (14,7-10). O conselho de Paulo quanto ao dom de línguas é falar só o que possa ser traduzido ou interpretado e compreendido (14,5.13.19). Em 1 Co 14,27, estão as três regras paulinas para se falar em línguas: a) falar dois ou quanto muito três; b) falar de forma sucessiva (um de cada vez); e c) que haja quem interprete.

Moura conclui sua síntese com a seguinte pergunta: “São essas três regras seguidas pelos modernos faladores de línguas?” Ele mesmo responde: “Não!” E argumenta dizendo:

Falam mais de dois ou três (às vezes, fala toda a congregação), não falam de forma sucessiva, isto é, um de cada vez, mas todos juntos, e não há pessoas interpretando no momento em que as línguas estão sendo faladas. E isso gera confusão – algo que desagrada a Deus, pois Ele não é Deus ‘de confusão e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos’ (1Co 14,33), tudo deve ser feito ‘com decência e ordem’ (14,40).³²

Comentando sobre 1 Co 14, Christianini se refere a 1 Co 12,10.28.30, dizendo que Paulo está falando sobre variedade de línguas. Defende a ideia de que entre os diversos dons, estava, sem prioridade nenhuma, o dom de falar em uma variedade de línguas. Quer dizer que não era uma só língua, ininteligível, misteriosa ou incompreensível, mas uma pluralidade de idiomas estrangeiros, conhecidos e inteligíveis, concedidos a alguns e não a todos. Acrescenta: “O falar uma língua engrolada, gaguejada e ininteligível seria completamente inútil, mas o falar uma ‘variedade de línguas’ estrangeiras tinha muita utilidade: pregar as grandezas de Deus a outros povos”.³³

²⁹ *Ibid.*, 283.

³⁰ Marcos De Benedicto oferece o seguinte conselho: “Quando avaliamos um fenômeno ambíguo como a glossolalia, devemos ser cuidadosos para evitar dois engodos: (1) aceitar o fenômeno sem avaliação criteriosa, e (2) rejeitá-lo pelo preconceito. Quanto mais ambíguo o fenômeno, mais necessitamos de discernimento” (*Kerygma* 3, N°1 (2007):10).

³¹ Pedro Apolinário, “Dom de Línguas”, *Revista Adventista*, jul. 1994, 35-37.

³² Ozeas Caldas Moura, “O Dom de Línguas”, *Revista Adventista*, set. 2007, 16.

³³ Arnaldo B. Christianini, “O Engano das Línguas Estranhas”, *Revista Adventista*, mai. 1964, 11.

Christianini deixa claro que as línguas faladas em 1 Co 14 são línguas estrangeiras, conhecidas, idiomas (maternos) compreensíveis, e que não se trata de língua estranha, misteriosa ou ininteligível. Afirma que Paulo condena os “línguistas coríntios” pelo desvirtuamento do dom e condena também a desordem no culto, motivada pela inócua e indevida exibição linguística.³⁴

Podemos então concluir que as línguas faladas pelos apóstolos e cristãos na igreja primitiva tiveram, primeiramente, uma finalidade evangelizadora, ou seja, para a pregação do evangelho. Há margem também para se pensar que o fenômeno de falar em línguas de 1 Co 14 possa ter sido desvirtuado, devido ao mal uso do dom outorgado aos crentes no pentecostes e em acontecimentos subsequentes. Obviamente compreendemos que “o dom de línguas foi necessário nos dias dos apóstolos e, se mais uma vez o for, Deus o restabelecerá, mas sempre para a edificação da igreja e propagação das boas novas da salvação”.³⁵

Assim sendo, será que podemos esperar que crentes adventistas (ou a igreja adventista) recebam novamente esse dom com o mesmo objetivo - para a edificação da igreja e, principalmente, para pregar o evangelho? Pessoalmente creio que sim, pois como descritos na Palavra de Deus, esses dons são dados pelo Espírito Santo de acordo com Sua decisão para que a Palavra seja proclamada, Cristo seja anunciado, e a igreja edificada.³⁶

³⁴ Wilson Endruveit, “Não Devemos Negligenciar o Verdadeiro Dom”, *Revista Adventista*, jan. 1977, 5-8.

³⁵ Apolinário, 1994:37.

³⁶ Um exemplo disso pode ser visto em uma experiência vivida por um dos nossos pastores adventistas no Brasil. O relato foi contado por e-mail ao autor por uma testemunha que o acompanhou: “Uma das manifestações do Espírito Santo mais impressionante já vistas por mim foi quando acompanhei um culto dentro de um presídio de segurança máxima para estrangeiros. Ali, se encontravam homens de vários lugares: África do Sul, França, Ucrânia, Romênia, etc., que sabiam se comunicar um pouco em espanhol, ou em inglês, ou em francês, e muitos em português. Naquele sábado pela manhã, não pudemos realizar o culto dentro da cela onde um dos detentos fundara uma Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como muitos quiseram participar do culto, fomos para o pátio. Ali, louvamos ao Senhor, oramos, foram cantadas canções por cada grupo de homens, cada um na sua língua. Como o pastor adventista percebeu essa variedade de línguas, tentou falar uma palavra ou outra em inglês e espanhol para tentar facilitar o entendimento deles. Mas isso pareceu não surtir um bom resultado.

Algum tempo depois, fomos até o mesmo presídio, encontramos as mesmas pessoas, mas, desta vez, o pastor decidiu pregar em sua língua nativa: o português. Foi um momento marcante. O pastor falava, e os presos entendiam o que ele estava falando, sem que outra pessoa traduzisse. O silêncio era grande. Era possível perceber que eles entendiam pela expressão facial de cada um e pela interação deles com o pastor depois do sermão, quando um romeno e um negro que o procuraram para falar sobre coisas ditas durante o sermão. Muitas vezes, eles pronunciavam ‘amém’ (na hora certa). E não tive dúvidas de que o Espírito Santo soprou no ouvido de cada um daqueles homens a mensagem vinda do Céu, na língua de cada um. Neste dia, também foi realizada uma das santas ceias mais lindas que já pude presenciar em

Princípios bíblicos extraídos do texto: Modelo para aplicação missiológica

Ao lidarmos com um texto bíblico aparentemente obscuro, problemático, ou de difícil interpretação, uma regra recomendada é sempre buscar outros textos para que a própria Palavra seja a sua intérprete, ou para que esta providencie princípios para a elucidação do assunto em contexto. A seguir sugiro dois textos para que estes sejam considerados como modelos de uma metodologia apropriada para resolver ou ajudar a lidar com problemas difíceis, ou até mesmo fenômenos como o de 1 Co 14.

Tomemos 1 Co 9,19-23 como básico para Paulo ao lidar com questões teológicas e missiológicas difíceis na Igreja Apostólica, o que nos ajuda a fazer a aplicação de princípios para o nosso contexto. Paulo segue o exemplo de Cristo. Se adapta e se contextualiza de maneira a comunicar eficazmente o evangelho de Cristo para a edificação da igreja. Vai onde as pessoas estão, se identifica com elas, e as guia à verdade. Faz o maior esforço para salvar o maior número de pessoas. Ele diz: “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (9,19). Paulo continua como que declarando que para comunicar o evangelho, o missionário, apóstolo e pastor têm que falar e ser, declarar e viver a mensagem que prega. Muitos ouvintes respondem a Palavra quando esta se torna clara tanto pela proclamação quanto pela vida daquele que representa o evangelho como este é em Cristo. Se aproxima dos judeus, dos sem lei ou com lei, e dos fracos e se identifica com eles. Declara: “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (22). Ele se esforça ao máximo por causa do evangelho. Seu propósito, sua missão é, de por todos os meios, se tornar cooperador de Cristo (23). E para isto, Paulo também enfrenta os problemas onde estes estão de maneira clara e inequívoca.

À luz de 1 Co 9,19-23 como vimos acima, passo a sugerir, então, um possível paralelo para se entender e poder resolver o problema de 1 Co 14 de uma maneira prática. Seria usar o modo como Paulo aborda os princípios encontrados em 1 Co 8,1-13 e 10,14-11,1 sobre a questão das carnes sacrificadas aos ídolos. Paulo confronta os Coríntios ao estabelecer, apontar e

minha vida. Não havia nenhum arranjo, nenhuma flor, nem o lugar era confortável. O que contemplava eram os muros altos, cercas elétricas, celas com roupas penduradas nas grades, mas era visível a manifestação do poder do Espírito Santo e isso tornava aquele lugar com uma atmosfera santa, onde parecíamos estar vivendo um pedacinho do Céu.”

aplicar vários princípios a este contexto. Dentre muitos, os seguintes podem ser claramente vistos no relato bíblico:

1. Reconhece o conhecimento (saber) de todos em relação ao assunto em contexto, e declara que o amor edifica, mas o saber ensoberbece (1 Co 8,1). Aponta para os riscos do conhecimento sem responsabilidade.

2. Ídolos não significam nada, só existe um Deus (4). Não seja incoerente ou inconsistente com o que declare praticar.

3. Cristo é o criador de todas as coisas, e existimos para Deus, a quem todas as coisas pertencem (6). Alguém (Deus) é superior, meu saber é limitado.

4. Nosso saber tem que ser responsável, bem informado, e que este se origine no conhecimento de Cristo, e não na familiaridade com ídolos (7-9).

5. Nossa liberdade não pode ser tropeço para os fracos; devemos edificar não destruir (9, 10).

6. Nosso saber irresponsável tem consequências eternas; este saber exaltado em si mesmo é contra Cristo; é pecado, pois separa as pessoas da comunhão de Cristo (11, 12).

7. Se somos criteriosos devemos ser consistentes e não misturar o sagrado com o profano. Não podemos servir e participar de qualquer associação com os demônios; não podemos servir a dois senhores (1 Co 10,14-21).

8. Nem o sacrifício ao ídolo, nem o ídolo tem valor; e se isto não tem valor, o que é feito não é feito à Deus, e sim aos demônios (20.21).

9. Nem tudo o que é permitido convêm ou edifica, por isso, devemos cuidar ao buscar os nossos próprios interesses (23.24).

10. Nossa liberdade de escolha tem que ser responsável; devemos fazer tudo para a glória de Deus, e não para nosso próprio benefício (25-31).

11. Buscar o interesse dos outros, mesmo que este limite nossa liberdade, para que muitos sejam salvos (32.33).

12. Seguir o exemplo de Paulo imitando a Cristo, seguindo a Palavra, e obedecendo a Deus (1 Co 11,1).

Ao seguir estes princípios Paulo expõe a ignorância do ‘saber’ Corinto argumentando com suas próprias ferramentas — usa a própria retórica deles

com seus argumentos e sabedoria — para mostrar suas limitações, tirá-los do erro e levá-los à verdade da Palavra de Deus, Cristo. Em certo sentido Paulo expõe seu saber soberbo e que os faz sentir bem, baseados em suas próprias experiências, e o contrasta com o conhecimento de Deus que liberta, mas que é responsável e edificador de todo o corpo de Cristo.

Quando temos princípios claramente delineados a partir da Palavra, e estes relevantes ao contexto, podemos entender melhor como e quando aplicá-los para que estes possam regular e eliminar práticas desvirtuadas e problemáticas na igreja. No caso de 1 Co 14 Paulo também estabelece regulamentos em relação à prática do falar em línguas. A seguir estão alguns destes princípios encontrados no próprio texto de 1 Co 14, especificamente nos versos 26-33:

1. Sejam pessoas espirituais; nascidas do Espírito e produzindo fruto
2. Seja tudo feito para a edificação da igreja, corpo de Cristo
3. Que falem dois, no máximo três
4. E sucessivamente, um após o outro
5. Com a presença de intérprete para que haja entendimento
6. Que tudo seja feito com ordem
7. Pois Deus é um Deus de paz e não de confusão

Com essa metodologia que segue princípios claros da Palavra, Paulo entra na realidade deles, argumenta a partir dos seus pontos de vista, mostra a incoerência e desequilíbrio deles, e assim, ao Apóstolo introduzir e aplicar os próprios princípios da Palavra de Deus, estes acabam com o abuso ocorrido na igreja de Corinto. Interessante que mesmo que tenhamos duas possibilidades em Corinto, a prática desvirtuada do falar em línguas é regulada, pois o 1) abuso e o exibicionismo pelo falar uma língua conhecida e inteligível, sem a devida interpretação é eliminado, sendo que esta para nada serve ou edifica; e 2) o abuso de uma possível língua desconhecida e ininteligível (enunciado extático) também é controlado e eliminado.

Implicações do falar em línguas para a missão adventista no contexto contemporâneo

As muitas crises atuais provocadas pelo colapso econômico em vários setores, pelos acidentes naturais, pelas guerras e a decadência moral sem

precedentes providenciam aspectos favoráveis ao desenvolvimento do radicalismo, mesmo em um mundo bastante relativista, secularizado e pós-moderno. Quanto mais cresce o relativismo, mais cresce também, paralelamente, o fundamentalismo. Há uma polarização da verdade neste sentido, pois no fundamentalismo sem a revelação, ou seja, sem a obediência à verdade bíblica, se radicaliza o relativo - tudo é válido, tudo conta e todas as práticas são permitidas e, até mesmo, impostas. Neste contexto, nota-se que o dom de falar línguas ou a prática da glossolalia evangélica contemporânea praticamente anda de mãos dadas com um tipo de pós-modernismo relativista de um lado e fundamentalista do outro. E este é um fenômeno que merece muita atenção, principalmente no que diz respeito às práticas missionárias cristãs contemporâneas.

Uma destas práticas do passado que se perpetua no presente é que, pelo fato de muitos missionários serem bastante radicais, querem usar Mc 16,17: “Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome...falarão novas línguas”, como a promessa que Deus vai conferir a habilidade de falar línguas humanas inteligíveis a eles. Estão convencidos que o dom de línguas é a maneira de Deus os habilitar a pregar o evangelho na língua materna das pessoas em todo o mundo. Pensam que não há necessidade de gastar tanto tempo na difícil tarefa de aprender outro idioma. Quando o dom de falar novas línguas não é dado, o resultado natural então é a frustração em virtude do fracasso que o missionário sente de não poder ter adquirido a habilidade de falar uma língua conhecida para que este pudesse pregar o evangelho.

Semelhantemente, muitos missionários evangélicos carismáticos do passado, pensando que haviam descoberto um atalho para o aprendizado de línguas, tiveram que, em meio a frustrações e desencorajamento, voltar a estudar seus livros de gramática e começar a praticar a pronúncia de muitas palavras da língua do povo a quem estariam servindo. O fato é que o desapontamento e a vergonha que o missionário sente por não ter a habilidade de falar uma língua desconhecida fazem com que muitos retornem para casa, desiludidos e frustrados com a incapacidade de poder se comunicar numa língua estrangeira e em outra cultura.³⁷ Será que a missão ou os missionários adventistas estão isentos deste problema?

De um lado, como os adventistas não insistem no dom de línguas como evidência do recebimento do Espírito Santo e ferramenta para a

³⁷ Ver Gary B. McGee, “Shortcut to Language Preparation? Radical Evangelicals, Missions, and the Gift of Tongues”, *International Bulletin of Missionary Research* (jul. 2001): 118-123.

evangelização, com certeza, os missionários adventistas não sofrem com este tipo específico de frustração e desânimo. Por outro lado, muitos são bombardeados com tremendos desafios oriundos do simples fato de serem inexperientes, de não terem recebido treinamento ou apoio necessários e, somados à dificuldade que têm em aprender um novo idioma, desanimam e desistem de sua missão, retornando prematuramente ao seu país de origem.³⁸ Como adventistas missionários, não sofremos por não termos recebido o dom de línguas, mas sofremos quando fracassamos como missionários, sofremos pelo fato de termos recebido a mesma convicção dada pelo Espírito Santo de irmos servir em um país distante e vemos a missão fracassar e, como resultado, o retorno antecipado.

Como adventistas, parece-nos mais fácil entender estes desafios através dos conselhos de Ellen White. Cristo “envia homens para levarem Sua verdade a povos de língua estranha, e às vezes tem aberto a mente de Seus missionários, capacitando-os a aprenderem rapidamente o idioma”. Pode-se observar que o dom de línguas está mais relacionado à capacidade que Deus pode conceder ao missionário de aprender rapidamente outra língua. White continua e acrescenta um aspecto, inclusive benéfico, à sobrevivência do missionário: “Aqueles mesmos a que vieram para ajudar espiritualmente, ser-lhes-ão uma ajuda na aprendizagem do idioma. Por esta relação, os nativos estão preparados para ouvir a mensagem do evangelho quando for transmitida em sua própria língua”.³⁹ Neste processo, existe uma reciprocidade de relacionamento entre o missionário e o povo a ser alcançado que auxiliará e trará eficácia ao trabalho do missionário.

Parece que o dom de falar línguas não traz benefícios ou muita ajuda a longo prazo, especialmente depois que a empolgação de ter recebido e praticado este milagre passa. Mas, no esforço pessoal de aprender o novo idioma, a nova língua, existe como que o “milagre do relacionar-se” e, neste relacionamento de ajuda mútua, o próprio Espírito se faz presente e une o que proclama a mensagem, mesmo com limitações no falar, ao que a recebe. A verdade é transmitida e compreendida através de um processo cognitivo, afetivo e relacional. É o Espírito de Deus usando e unindo a mente e o coração na transmissão da verdade de Sua Palavra. Neste caso a língua expressa em palavras e movida pelo Espírito Santo, e pela Palavra, deve

³⁸ Allan Anderson, “The Vision of the Apostolic Faith: Early Pentecostalism and World Mission”, *Swedish Missiological Themes* 97, n.º3 (2009): 314.

³⁹ Ellen G. White, Special Testimonies, série B, n. 11, p. 26. *Revista Adventista*, abr. 1974, 8.

sempre apontar para Cristo, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29).

Tendo dito isso, gostaria de chamar a atenção para o fato de que a nossa missão não é simplesmente adotarmos este ou aquele método, mesmo que estes sejam coerentes bíblicamente, se não alcançarmos os não-alcançados que ainda não conhecem as verdades bíblicas adventistas. A missão adventista tem se esforçado muito para alcançar as grandes religiões não-cristãs, como o Islamismo, Budismo, Judaísmo, Hinduísmo, etc. Mas não seria o pentecostalismo carismático, com mais de quinhentos milhões de adeptos, um vasto campo missionário? Em certo sentido temos ignorado o nosso próximo, neste caso, os que acreditam no dom de línguas, como se eles ou o método que usam fossem errados ou mesmo oriundos do inimigo. Não podemos negligenciar o verdadeiro dom, pois estaríamos rejeitando o próprio originador deste dom, o Espírito Santo.

Por outro lado, algo que geralmente é ignorado, mas que é um problema e se torna uma implicação séria no que tange ao dom de línguas e a missão adventista no contexto do Movimento Carismático Pentecostal brasileiro é o sincretismo. O contexto sociocultural e religioso brasileiro é um terreno bastante fértil para o sincretismo cultural-religioso. Esse contexto se torna palco para o desenvolvimento de práticas religiosas desvirtuadas, como se pode inferir da experiência de Paulo com os cristãos em 1 Co 14.⁴⁰ E, neste aspecto, apesar do possível e consequente desvirtuamento do dom de línguas e dos riscos que corremos devido ao possível sincretismo religioso, não se pode negligenciar este campo missionário dos milhões de pentecostais carismáticos no Brasil, na América do Sul e no mundo. Entendemos claramente que a comissão evangélica ainda é imperativa! E se a missão da igreja adventista foi, é ou será movida pelo Espírito Santo, Ele mesmo nos ajudará a interpretar as Escrituras e a colocar em prática os métodos missionários eficientes e eficazes para cumprirmos Sua missão, mesmo com riscos e com possíveis abusos, como aconteceu em Coríntios.

⁴⁰ Interessante que Hasel (1991) omite completamente uma discussão sobre a questão do sincretismo religioso ou tendências e práticas sincretistas no contexto de 1Co 14. Richardson discute esse aspecto em sua dissertação doutoral (1983), 48-52 e, também, em seu livro *Speaking in Tongues* (1994), 59. Ver também Angel Hernandez, “The Empirical Development of a Curriculum on Identification of the ‘Tongues’ of 1 Corinthians 14 Utilizing a Socio-Exegetical Approach to Interpretation” *Unpublished Dissertation* (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2002), 34.

Outra implicação básica neste contexto é a necessidade de uma reavaliação da nossa reação a alguns aspectos do movimento carismático, pois como adventistas, a nossa tendência para com este movimento e, por conseguinte, para com os membros pentecostais carismáticos, sempre foi e tem sido bastante negativa. Dybdahl comenta que nossa avaliação negativa do movimento carismático tem estreitado nossa compreensão histórica, tornado a teologia adventista um pouco preconceituosa, dificultado a nossa vida espiritual e diminuído o impacto da nossa missão e evangelismo.⁴¹ Com base nestes comentários, parece existir algumas razões pelas quais é importante que façamos uma reavaliação da nossa reação em relação ao movimento carismático, especialmente em face de a missão adventista ser abarcante e incluir a todos:

1. Nossa oposição é baseada em uma compreensão ultrapassada e preconceituosa deste movimento. Essa oposição se dá pelo fato de esquecermos o parentesco da teologia adventista com a teologia pentecostal (movimento de Wesley, de devoção e santidade).

2. Medo do pentecostalismo e dos carismáticos contribui para um desequilíbrio entre os aspectos cognitivos e emocionais no adventismo Ocidental.⁴² Esse medo desordenado também tem contribuído para uma grande apreensão sobre certas manifestações do Espírito Santo.

3. Nossa perspectiva ou pontos de vista dos cristãos carismáticos torna difícil compartilhar a mensagem adventista com eles. Enquanto nos alegramos com o fato dos adventistas focalizarem sua missão cada vez mais aos não-cristãos, não podemos nos esquecer que temos algo para compartilhar com outros cristãos.

4. Rejeição ou medo dos carismáticos dificulta o evangelismo para os não-cristãos. Para impactar o mundo não-cristão e não-ocidental, devemos estar abertos a um modelo bíblico de evangelismo (com milagres de curas, dom de línguas, expulsão de demônios, etc.). Este modelo bíblico de proclamação deixa alguns adventistas nervosos, pois alguns carismáticos tentam segui-lo. Hesitamos em ser identificados ou rotulados como "carismáticos".

⁴¹ Jon L. Dybdahl, "Adventists, the Charismatic Movement and Mission", *Unpublished paper*, 2010, 4.

⁴² Dorneles comenta que "a delicada manutenção do equilíbrio entre razão e emoção é outro tema para pesquisas futuras, visto que na configuração atual os cristãos históricos pendem para uma ênfase na razão, enquanto os pentecostais enfatizam a emoção, com resultados visivelmente diferentes" (2003: 230).

Portanto, para melhor cumprir a missão que também inclui os carismáticos, deveríamos: a) parar de fazer avaliações generalizadas e abrangentes que denominam o movimento como herético ou satânico; é melhor lidar com pessoas ou com teologia e doutrinas de forma específica; b) admitir que, historicamente e teologicamente compartilhamos muitos aspectos em comum; c) aceitar a experiência passada dos carismáticos sinceros e conduzi-los mais adiante em direção à verdade bíblica; e d) não deixar que o medo dos dons carismáticos dificulte a nossa compreensão da Palavra, nossa experiência com o Espírito Santo, nossa maneira de adorar, nossa vida cristã espiritual e, em especial, a nossa missão.⁴³

Devido ao preconceito que temos dos carismáticos, principalmente acentuado em relação ao dom de línguas e ao estilo de liturgia, torna-se difícil elaborarmos métodos missionários e evangelísticos com o objetivo de alcançá-los. Conseguimos não mais ter medo de apresentar as verdades adventistas distintas aos protestantes e, nesta tarefa, desenvolvemos métodos com este propósito. O mesmo acontece em nossa relação evangelística - missionária para com os católicos romanos, pois grande esforço tem sido feito para criarmos e adaptarmos métodos e materiais na tentativa de contextualizar a comunicação da verdade de maneira que eles possam entender e aceitar.

A implicação maior é que possivelmente nossa dificuldade de relacionamento com os carismáticos e pentecostais nos leva a ter medo e inibir-nos de evangelizar as pessoas das grandes religiões não-cristãs; aí está um desafio de alguns bilhões de pessoas que não conhecem a verdade da salvação.

Conclusão

Será que consciente ou inconscientemente, temos rejeitado o dom de línguas e, por conseguinte, rejeitado os carismáticos? Será que nossa dificuldade de irmos além-mar como missionários não está ligada à rejeição do dom de línguas e ao medo que temos de não conseguirmos aprender outro idioma ou o medo de recebermos o próprio e verdadeiro dom de línguas? Parece que temos receio de não sermos habilitados a falar em outras línguas e isso nos traz certo medo de irmos como missionários às terras estrangeiras para evangelizar as pessoas ainda não-alcançadas e não-cristãs.

⁴³ Ver Dybdahl (2010), 5-12.

Quando conversei com meu colega missionário brasileiro da Ásia Central, o João, ele me disse que eles falavam em línguas através do recebimento deste dom pelo Espírito Santo. Eles não têm nenhum problema com relação a falar em línguas em público em contextos carismáticos e pentecostais, mas, compreendendo a orientação da Palavra de Deus decidiram não falar em línguas em público nos contextos onde as pessoas são contrárias ao dom ou mesmo sintam-se ofendidas por ele. Contaram-me que depois desta decisão, algumas vezes haviam falado em línguas (não inteligíveis) em casa, como expressão de muita alegria, regozijo e gratidão a Deus, em especial, sua esposa. Cito esta experiência, pois apesar de termos perspectivas diferentes, e mesmo compreensão teológica distinta, gastamos muito tempo juntos, e fomos sinceros amigos e parceiros de oração uns para com os outros, enquanto servíamos naquele lugar, como missionários.

O João não tentou atalhar o aprendizado da língua local por ter recebido o dom de línguas, aliás, ele entendeu que sua tarefa como missionário, se quisesse ser eficiente em comunicar o evangelho naquele país, era aprender bem o idioma local. Nisso, ele e sua esposa se empenharam ao máximo nos primeiros anos de seu ministério ali naquele lugar, onde, atualmente, tem labutado por quase doze anos. Falam a língua local com muita habilidade, e o fazem com a intenção de evangelizar as pessoas muçulmanas ao seu redor.

Ainda nos comunicamos e, recentemente, João me mandou um manual de treinamento para missionários transculturais que ele mesmo escreveu onde um dos itens importantes ressaltados é a necessidade do missionário aprender a língua estrangeira onde está trabalhando e, também, o inglês.

Sejam quais forem nossas razões em relação à missão, o fato é que, ao tentarmos comunicar as boas novas da salvação aos outros, devemos usar o idioma falado pelos ouvintes. Essa língua ou idioma seja o inglês, chinês, hindu ou árabe é o meio pelo qual o Espírito Santo transmite a verdade do evangelho. Deve ser uma linguagem apropriada e adaptada aos mesmos, de maneira que estes possam entender o evangelho. Se for necessário, o Espírito Santo pode dar a habilidade ao missionário de aprender outro idioma de maneira muito rápida, mesmo milagrosamente. Por outro lado, a grande maioria dos missionários tem de gastar muito tempo e esforço para aprender o idioma do país anfitrião. Isso leva tempo, mas é o meio pelo qual a mensagem da salvação normalmente é levada aos que nunca a ouviram.

A ordem de Cristo para “irmos por todo o mundo, e pregar o evangelho a toda criatura” ainda está em vigor. Ao obedecermos em humildade e

submissão, Seu Espírito nos capacitará a comunicar o evangelho, mesmo em línguas estrangeiras. O dom de línguas verdadeiro é bíblico e é concedido pelo Espírito Santo com o propósito de evangelizar. Não negligenciemos nossa missão, nem os dons que o Espírito Santo nos quer outorgar!

Wagner Kuhn, PhD
Professor de Missiologia
Andrews University
Berrien Springs, MI 49104
kuhn@andrews.edu